



Universidade de Goiás
Faculdade de Artes Visuais

Ana Vitória Guimarães Brito

MEMÓRIAS AFOGADAS:

autorretratos como mergulhos poéticos
nos registros fotográficos da infância

Goiânia
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ANA VITÓRIA GUIMARÃES BRITO

Memórias Afogadas:
autorretratos como mergulhos poéticos nos registros fotográficos da infância

Goiânia
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Ana Vitória Guimarães Brito

Título do trabalho: Memórias Afogadas: autorretratos como mergulhos poéticos nos registros fotográficos da infância.

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Vitória Guimarães Brito, Discente**, em 08/12/2025, às 17:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 11/12/2025, às 23:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5792841** e o código CRC **A765F966**.

Referência: Processo nº 23070.059623/2025-27

SEI nº 5792841

ANA VITÓRIA GUIMARÃES BRITO

*Memórias Afogadas:
autorretratos como mergulhos poéticos nos registros fotográficos da infância*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Brito, Ana Vitória Guimarães
Memórias Afogadas [manuscrito] : autorretratos como mergulhos poéticos nos registros fotográficos da infância / Ana Vitória Guimarães Brito. - 2025.
LXVIII, 68 f.

Orientador: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias.

1. Memória. 2. Simbolismo da água. 3. Pintura. 4. Autorretrato. 5. Artes Visuais. I. Almeida , Flávia Leme de, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e seis dias do mês de novembro do ano de 2025 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Memórias Afogadas: autorretratos como mergulhos poéticos nos registros fotográficos da infância”, de autoria de Ana Vitória Guimarães Brito, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof.^a Dr.^a Flávia Leme de Almeida - orientadora (FAV/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG) e Ms. Luiza Domingos Barra (PPGACV/FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0 (dez), tendo sido o TCC considerado Aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2025, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiza Domingos Barra, Usuário Externo**, em 12/12/2025, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5857167** e o código CRC **33340A97**.

À minha criança interior e à minha mãe,
que me acompanharam por essas águas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às três mulheres mais fortes da minha vida, minhas eternas referências: minha mãe Vanda, minha avó Cleonilda e minha tia Ivaniilde. Elas sempre estiveram ao meu lado desde o começo, sendo minhas maiores fortalezas com seus abraços e orações. Ao meu pai Edival, por todo o suporte, afeto e acolhimento que me ofereceu desde o momento em que entrou em minha vida, fazendo-me sentir amorosamente adotada por ele, felizmente, serei eternamente sua filha. Aos meus tios maternos, em especial meu tio Assis, que, apesar da distância e do pouco contato, sempre se esforçaram para expressar seu afeto e orgulho desde os meus primeiros passos.

Não posso deixar de expressar minha profunda gratidão aos excelentes professores que foram meus guias ao longo de toda a minha jornada. Agradeço especialmente à Prof.a Dr. Orientadora: Flávia Leme de Almeida pela orientação e Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva, por toda a dedicação, nas conversas que me orientaram como barquinhos em águas antes desconhecidas, ajudando-me a mergulhar da melhor maneira possível.

Aos meus amigos leais com quem tive o prazer de compartilhar momentos agradáveis nos últimos quatro anos. Agradeço a Bruna, Gleici, Júlio César, Pedro, Luana, Luís, Gabi e Sarinha, minha angel, por estarem sempre ao meu lado. E para a Laís, minha fiel escudeira, que sempre me ouviu, compartilhou suas melhores risadas e histórias comigo. Agradeço profundamente por terem feito parte da minha vida.

*Recuperando as memórias
Do que eu fiz
(...) Será que ainda vai lembrar
De mim?
Milhas e milhas distante
Anos e anos atrás
Muitas e muitas lembranças
Você lembra?
Você lembra também?
Você lembra?
Você lembra de mim?*

O Terno



RESUMO

Esta pesquisa nasceu de uma jornada pessoal focando no resgate de memórias de infância perdidas em decorrência de um alagamento, investigando o auto retrato como ferramenta para autoexploração. O trabalho propôs a contemplação de um cenário esquecido e a aceitação da irreversibilidade do tempo e das “memórias afogadas”. Para isso, fiz experimentações em pintura sobre tela, fotografia e videoperformance somada com a música como gatilho de recordações. A pesquisa buscou uma conexão profunda com a água, tanto como material quanto como elemento performático.

Palavras-Chave:

Memória; Simbolismo da água; Pintura; Autorretrato; Artes Visuais.

ABSTRACT

This research stemmed from a personal journey focusing on the recovery of childhood memories lost due to a flood, investigating self-portraiture as a tool for self-exploration. The work proposed the contemplation of a forgotten scenario and the acceptance of the irreversibility of time and "drowned memories." To this end, I experimented with painting on canvas, photography, and video performance, combined with music as a trigger for recollections. The research sought a deep connection with water, both as a material and as a performative element.

Keywords:

Memory; Symbolism of water; Painting; Self-Portrait; Visual Arts.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------|----|
| PRECIPITAÇÃO | 10 |
| 1. FLUTUAÇÃO | 13 |
| 2. MERGULHO | 26 |
| 2.1 NADO ARTÍSTICO | 33 |
| CONDENSAÇÃO | 57 |
| REFERÊNCIAS | 62 |
| ANEXOS | 65 |

PRECIPITAÇÃO

Essa pesquisa nasce de uma jornada pessoal que foi aprofundada durante o Curso de Artes Visuais Bacharelado, impulsionada pelo interesse no autorretrato como mecanismo de autoexploração e pela necessidade de falar sobre apagamento de memórias de infância.

Ao longo do percurso acadêmico a partir de uma observação de trabalhos que foram produzidos, essa investigação evoluiu para a autorrepresentação como uma forma de resgate de memórias da minha infância que se perderam em um alagamento. Assim o propósito central do trabalho se deslocou para a contemplação de um cenário esquecido e a aceitação da irreversibilidade do tempo e das memórias afogadas que não posso reviver, pois, assim como diz Heraclito: “Em um rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (HERÁCLITO, 1973, p. 94), uma vez que tudo flui, já não sou mais aquela criança de quatro anos, e mesmo que pudesse, nunca seriam as mesmas memórias .

Mergulhei em meu passado, trazendo as inquietações despercebidas à tona, abordando esta temática fazendo experimentações usando a pintura sobre tela e papel, a fotografia e a videoperformance como suportes artísticos principais, somando com música (sendo capas de álbuns e letras) como elemento sutil, um gatilho para possíveis recordações ou fantasias do cenário fragmentado da minha memória.

Faço uso da pintura por ser uma técnica que me identifiquei rapidamente durante o curso. Não tive nenhum contato com a tinta acrílica antes da faculdade, e já nos primeiros contatos com o material sabia que seria um material de conforto. Mas, além disso, nessa pesquisa, dou mais significado ao material trabalhando com aguadas, conectando-o a um dos símbolos mais importantes da pesquisa. A escolha da tinta acrílica em vez da aquarela, também tem uma explicação, visto que a aquarela já possui em seu nome a forma de ser utilizada, sendo um pigmento ativado por meio da água possibilitando por meio de aguadas a construção de

camadas assim como em minha metodologia, no entanto, por mais que nesta investigação eu estivesse aberta a experimentações de outros materiais, a tinta acrílica se manteve como principal neste percurso. A tinta acrílica possui uma proximidade com a tinta óleo, que antes da ascensão da fotografia, era a mais comumente utilizada na criação de retratos, então utilizar a tinta acrílica é obter uma proximidade com a realidade e como a vejo, diferente da aquarela, que sempre possui a sua transparência.

A fotografia surge como um divisor de águas nessa trajetória, como um estopim de ideias e inquietações. Toda essa investigação é consequência de inconclusões vistas em uma série fotográfica produzida em 2023, que dá nome a esta pesquisa: *Memórias Afogadas*, portanto continuei meus processos iniciados em fotografia saindo da minha zona de conforto, adquirindo o interesse em experimentações com o suporte da videoperformance. O objetivo aqui é, por meio da produção artística, visitar e ressignificar tais fragmentos da memória afetiva, criando um diálogo entre meu passado e presente.

Durante a escrita do pré-projeto, tinha interesse em pesquisar sobre as emoções representadas na pintura e no autorretrato, em conjunto com a ideia de duplicidade, tanto física como emocional, da minha imagem na mesma obra. Assim, tentei investigar as duas em conjunto, a dualidade imagética e emocional, já que minhas obras, na maioria das vezes, são experimentais e giram em torno dessas questões. Logo, pensei em adentrar mais a fundo nisso, a ponto de buscar entender o porquê dessa constância da duplicidade e dualidade das emoções. No entanto, com o amadurecimento de minha pesquisa, percebi que esse não era realmente o que eu ansiava aprofundar. Rapidamente entendi que deveria aprofundar em questões mais significativas de foro íntimo, mas que também pudessem ser facilmente identificadas por outras pessoas.

No início, minha pesquisa evoluiu englobando aquilo que estava nos temas sugeridos no pré-projeto, mas agora com a presença da música, pois queria entender como a música poderia influenciar minhas emoções de maneira a

me influenciar em minhas produções (sinestesia). Todavia, nada disso vingou, o que me fez olhar para os meus trabalhos passados com mais atenção. Esse ato foi um divisor de águas nessa investigação, pois logo após pude finalmente enxergar algo que realmente me motivou a me aprofundar e que analisei neste trabalho.

Esta pesquisa foi dividida em dois capítulos: o primeiro, intitulado *Flutuação*, abordei um pouco da minha história de infância, o necessário para o entendimento e relevância da pesquisa. Em seguida, retornei ao presente, mencionando todo o processo, que envolveu as trocas realizadas durante as aulas das disciplinas cursadas nesse período que me instigaram questões e, sobretudo, na escolha final deste tema. O segundo, nomeado de *Mergulho*, tratei dos meus processos com as colagens digitais e o processo criativo para as produções, apresentei referenciais artísticos que me apoiaram durante as produções. Como referenciais teóricos, utilizei os estudos dos artistas pesquisadores Prof Dr. Hugo Fortes e Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Cecilia Almeida

Salles, assim como um dos livros do filósofo Gaston Bachelard.

1. FLUTUAÇÃO



Em minha infância, por volta de 2004 a 2008, período este que foco na minha pesquisa, ainda era bem comum que as famílias possuíssem álbuns de fotos, que continham os registros de momento importantes e únicos da vida. Imperatriz (MA), cidade onde nasci e morei até meados de 2010, é um local com uma infraestrutura que não suporta grandes chuvas, facilitando assim a ocorrência de alagamentos e enchentes. Em um fatídico dia, ao voltar para casa com minha mãe após passar alguns dias fora, nos deparamos com nossa casa submersa pela metade em água. Minha mãe estava devastada, e eu, muito nova, não compreendia a gravidade da situação.

Tenho poucas lembranças deste dia, apenas uma visão turva de mim com as pernas na água observando a devastação de nosso lar. Só pude entender tudo e me recordar um pouco já na adolescência, quando questionei minha mãe sobre a falta de fotos minhas bebê, fazendo-a me contar tudo. Perdemos nossas fotos que minha mãe guardava cuidadosamente em um pequeno álbum, nossos documentos, móveis, nossas recordações e a tentativa de

congelá-las para o futuro tinham se dissipado ali. Todos esses acontecimentos anos depois foram introduzidos no meu fazer artístico, revelando meu interesse em pesquisar sobre o meu passado e esclarecer questões que jaziam em uma água parada há muitos anos.

Meu processo nesta pesquisa se iniciou na prática do exercício de observação. Após a contemplação dos temas relacionados no pré-projeto, busquei encontrar caminhos por meio de trabalhos desenvolvidos durante o curso, distribuindo-os sobre a mesa, revendo todos os temas que trabalhei desde 2022. Dessa forma, me deparei com uma série composta por cinco fotografias que produzi em 2023 para a disciplina de *Fotografia na Arte*, intitulada *Memórias Afogadas* (figura 4). Nela fiz o uso da cópia de uma fotografia minha ainda bebê (figura 3), uma das únicas fotos que tenho de mim ainda nessa fase da vida¹.

¹ A foto original está sobre posse de minha avó materna, protegida a todo custo em um porta retrato que minha avó, que reside no Maranhão, faz questão de manter na parede de sua casa

Sempre tive momentos de conversa com minha mãe, a maioria das vezes perguntando de momentos em que eu era muito nova pra guardar na lembrança. Esses momentos de comunicação surgem várias vezes enquanto cozinhamos juntas ou quando simplesmente estamos na cozinha responsáveis pelos afazeres diários. A anos atrás, durante um desses momentos em que eu e minha mãe estávamos “proseando” (como a mesma gosta de dizer), descobri que ela havia conseguido salvar apenas duas fotos minhas ainda bebê em meio aquele caos. Sempre quando me pego pensando sobre o ocorrido e lembro dessas fotos em questão (e a sorte de termos as conseguido intactas), me faz ponderar se, já naquela época, algo estivesse me guiando para o que seria esta pesquisa. Essa sugestão foi se fortalecendo ao longo da pesquisa, quanto mais fundo me permiti mergulhar, mais forte sentia a conexão com todo o meu passado e com os acontecimentos que desde então contribuíram para esta investigação artística.

Minha mãe acabou entregando as duas fotos para minha avó materna que queria colocar em molduras. Minha avó sempre foi do tipo de pessoa que gostava de ter vários quadros em casa com fotos dos filhos e netos (figuras 1 e 2), tinha todo o cuidado de selecionar as fotos e enviar para que alguém as editasse e fizesse um quadro relativamente grande, um costume bem comum de avós interioranas. Aquelas duas fotos agora estão em dois quadros em sua casa, um possuindo uma foto editada com os rostos de seus netos, e o outro a foto que usei para a produção da série de fotografias (figura 3).

Nunca pude ver a foto em questão antes das mudanças feitas nela e, por alguma razão que desconheço, não temos mais as fotos originais sem edições. A edição consistia em recortar minha imagem das duas fotos e posicioná-las juntas sobre um fundo de flores, assim a foto editada apresenta minha imagem duplicada. Esse detalhe da minha imagem duplicada nessa foto me intrigou à tal ponto que me fez iniciar a investigação que resultou nesta pesquisa. Nela, fiz digitalmente a sobreposição de outra

fotografia, também feita por mim, de um recipiente com água, aumentando a opacidade a cada foto até que não se possa ver mais a imagem registrada. Esta produção foi o divisor de águas, como um tsunami de descobertas que, por mais que eu percebesse que o tema parecia se distanciar do descrito no pré-projeto, tratavam-se dos mesmos assuntos abordados de diferentes maneiras.

Em princípio, eu estava inteiramente focada em estudar os autorretratos e as emoções por trás de cada um deles, pois queria encontrar uma forma de tornar meu trabalho, que é tão pessoal, em algo que pudesse desbloquear algum tipo de sentimento em outras pessoas. Apesar de saber o motivo pelo qual os fazia (busca pela auto exploração e adquirir autoconhecimento pessoal e emocional), não entendia ainda em que contexto os faria e queria encaixá-los a todo custo no meu processo artístico. *Memórias Afogadas* foi o início da minha compreensão de como tratar dos temas que tinha interesse, porém de forma mais profunda. Aqui me valho das palavras de Gaston Bachelard para auxiliar essa compreensão:

Nessa contemplação em profundidade, o sujeito toma também consciência de sua intimidade, Essa contemplação não é, pois, uma Einjuhlung² imediata, uma fusão desenfreada. É antes uma perspectiva de aprofundamento para o mundo. [Diante da água profunda, escolhes tua visão; podes ver à vontade o fundo imóvel ou a corrente, a margem ou o infinito; tens o direito ambíguo de ver e de não ver [...] Uma poça contém um universo. (BACHELARD, 2002, pág. 53)

Tudo naquele momento se tornou mais íntimo, estava pesquisando sobre o meu passado, minha criancice, meus primeiros traumas e paixões, sobre minha vida, incluindo minha ascendência materna (avó e mãe), que foram o pilar de minha história. Em algum momento, quando passei a sentir que tudo isso não era mais só sobre mim, pude ter a visão de como prosseguir nesse mergulho nas águas do

²Empatia

meu passado, responsáveis por me fazer refletir e me fundir de tal forma com minhas produções artísticas.

Figura 1: (à esquerda) quadro com os filhos de minha avó materna. Fotografia. Fonte: acervo pessoal da família.

Figura 2: (abaixo) quadros com os netos de minha avó materna. Fotografia. Fonte: acervo pessoal da família.





Figura 3: (acima) detalhe da série *Memórias Afogadas*, foto antes das sobreposições. Fotografia. Dimensões: 12,3 x 8,2 cm. Fonte: acervo pessoal.

Figura 4: (página seguinte) Ana Vitória Guimarães, *Memórias Afogadas*, 2023. Fotografia, Sobreposição digital. Dimensões: 12,3 x 8,2 cm (cada). Fonte: acervo pessoal.



A vista disso, vi nesse trabalho questões a serem aprofundadas, sendo instigada a continuar a investigação, colocando *Memórias Afogadas* como ponto de partida. Na disciplina *Tópicos em Artes: Notas Sobre Cinema*, ministrada pelo Prof. Dr. Odinaldo da Costa (FAV-UFG), iniciei as produções efetivamente, escolhendo o longa *Praia do Futuro* (Aïnouz, 2014) (figura 5). O longa foi escolhido por vários motivos, dentre eles a presença frequente da água ao longo da história tratando do afogamento logo nos primeiros minutos foi o mais importante. De início, tudo o que conseguia pensar durante e após o longa era em como aquilo se comunicava com a letra da música *Weird Fishes/Arpeggi* da banda *Radiohead*.

Why should I stay?
 I'd be crazy not to follow
 Follow where you lead
 Your eyes
 They turn me (way out)
 Turn me on to phantoms (way out)
 I follow to the edge of the earth (way out)
 And fall off
 Yeah, everybody leaves (way out)
 If they get the chance (way out)

And this (way out)
 Is my chance (RADIOHEAD, 2007)³

Nesta narrativa, o longa torna-se um referencial decisivo para a concepção de minha primeira obra durante esta investigação, pois explora a submersão e o deslocamento do personagem principal, Donato, que durante a trama, em seu trabalho como salva-vidas cearense, acaba falhando em meio a um resgate de uma turista, que acaba se afogando. Interpretei que Donato logo após este acontecido, buscou um meio de abandonar sua identidade, família e história no Brasil, buscando recomeçar sua vida em uma ambiente que visualmente e culturalmente é o oposto de onde veio, Berlim na Alemanha.

³ Por que eu deveria ficar? Eu seria louco em não seguir / Seguir para onde você me levar / Seus olhos / Eles me transformam / Me transformam em fantasmas / Eu sigo até a beira da terra / E caio / Sim, todo mundo vai embora / Se tiverem a chance / E esta / É a minha chance. (RADIOHEAD, 2007, tradução nossa).



Figura 5: Direção: Karim Aïnouz, *Praia do Futuro*, 2014. Minutagem: 1:07:28. Imagem retirada do filme.

O afogamento que Donato não pôde evitar e a sua decisão pelo deslocamento ressoam com a minha realidade, com o trauma de ter tido minha casa invadida pela água, afogando ali minhas memórias que ainda me fazem falta e pelo fato de que eu mesma tive o meu deslocamento, primeiramente me mudando de cidade, quando sai daquela casa para morar com minha avó materna em Riachão, e logo depois me mudando para Goiás aos nove anos, outro estado, em uma região bem diferente de onde venho, onde tudo era novidade para mim. Sair de um lugar quente mas, com grande índice de umidade, conhecido

por suas belas águas para o ambiente seco de Goiânia me faz refletir o quão irônico é para mim, visto a minha história até aqui, morar agora em um lugar assim, cerrado, conhecido por não possuir praias ou rios, com um clima com o qual demorei para me acostumar mesmo depois de morar em Goiânia por 12 anos. Esta ruptura com o lugar onde vivi meus primeiros anos de vida transforma meu processo em algo mais trabalhoso porém interessante por me influenciar em escolhas no meu processo artístico que não seriam possíveis caso eu ainda morasse naquela mesma casa ou cidade, portanto, como dito por Rodrigues:

A autobiogeografia numa Pesquisa Autobiográfica em Arte gera narrativas, imagens, objetos e processos artísticos criticamente situados que tomam forma e adquirem materialidade ao longo dos processos criativos do fazer-pesquisa de artistas que estão a exercitar suas diversas posicionalidades. (RODRIGUES, 2021, p. 124)

Assim, busquei explorar esta submersão presente no filme e na música, conectando-as à minha realidade. Reunindo o

trauma de ter minhas memórias de certa forma afogadas naquele dia juntamente com o deslocamento do personagem relacionado com o meu. Isso me faz pensar que o fato de ter me mudado daquela casa alagada quando ainda tinha apenas seis anos, possa ter influenciado mais ainda nessa lacuna tão profunda deixada na minha memória. Portanto, meu processo criativo se iniciou em uma coletânea de imagens que me auxiliaram a ilustrar e organizar este cenário de fragmentos de lembranças que ainda possuo, mesmo que mínimas, neste caso, fui em busca de imagens de móveis antigos que me lembrassem os que tinham na minha casa na época. A partir disso prossigo então para a colagem digital (figuras 6 e 7). Esta etapa é de extrema importância, pois facilita a justaposição e o diálogo dos elementos na tela, embora não sejam recortes de registros originais da minha infância, elas servem como uma tentativa de situar minhas poucas lembranças restantes. Ali, então em meio ao

*canvas*⁴ digital, essas imagens se unem em conjunto com desenhos meus que representam as imagens não encontradas, dialogando em prol de uma construção do cenário imagético quase que inventado, mas com um toque de lembrança. Esta parte crucial do meu processo apresenta o meu interesse em explorar a colagem, recorte e o apagamento de fotografias em trabalhos futuros, pois sinto que isso evidencia a transformação da obra como registro visual que expressa os temas perda e reconstrução.

O próximo passo foi finalmente iniciar a tela com o auxílio da água como próprio material, como citado na tese do Prof Dr Hugo Fortes (ECA-USP):

Numa perspectiva histórica, pode-se dizer que a água surge primeiramente como o tema na arte, e só depois como material integrante da obra (FORTES, 2006, p.52).

Notei que a princípio este detalhe me passou despercebido, só abrindo meus olhos para as

⁴ Uma tela em branco, local de organização de referências imagéticas.

possibilidades quando adentrei de fato o tema, dois anos após a produção de *Memórias Afogadas*. Isso porque faço bastante o uso da tinta acrílica bem diluída, não apenas como um mecanismo que desacelera o processo de secagem do material na paleta, mas também a construção de camadas claras e aquosas, um trabalho meticuloso que conecta o tema e matéria na obra.



Figura 6: Ana Vitória Guimarães, Esboço 01. Colagem digital. Fonte: acervo pessoal.

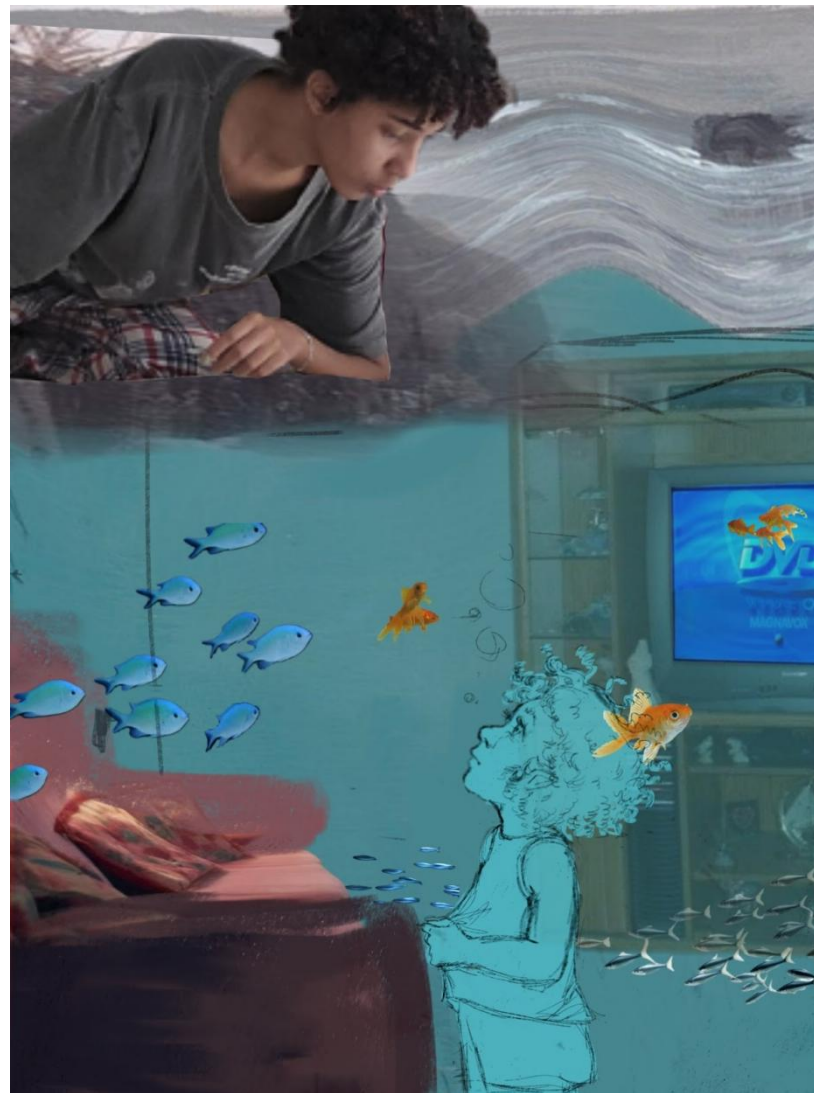


Figura 7: Ana Vitória Guimarães, Esboço 02. Colagem digital. Fonte: acervo pessoal.

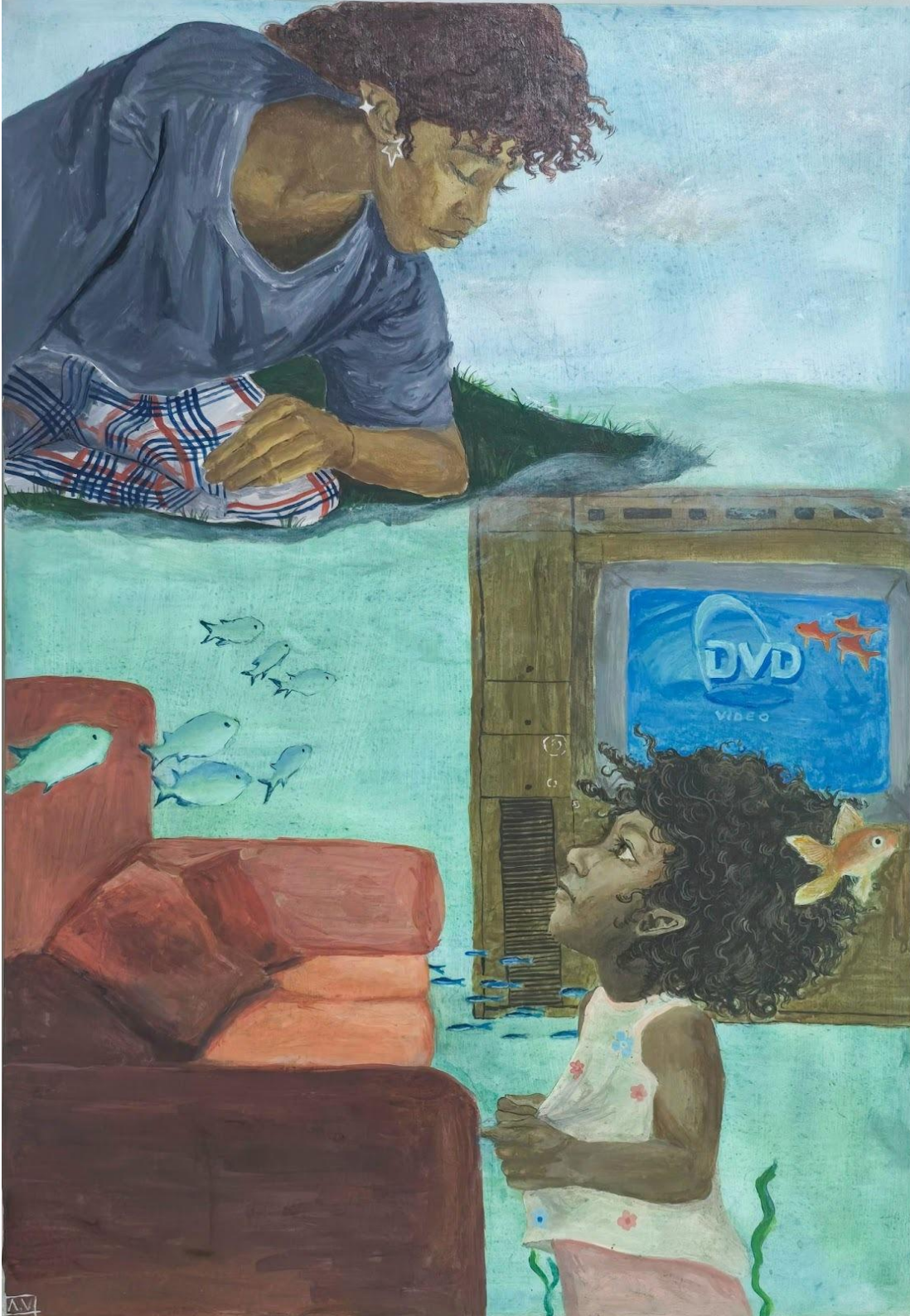


Figura 8: Ana Vitória Guimarães, *Refração do Tempo*, 2025. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 40 x 60 cm. Fonte: acervo pessoal.

2. MERGULHO



Durante a produção da primeira tela intitulada *Refração do Tempo* (figura 8), tomei consciência da existência de uma piscina em minha casa, para a qual me mudei em fevereiro de 2025. Essa observação me instigou a movimentar as águas em que minhas ideias estavam emergindo e a sair ainda mais da minha zona de conforto, abraçando a videoperformance no meu processo.

Nesse momento, senti a necessidade e a urgência de explorar a água não só como representação nas telas ou como material para a diluição de tintas, mas também em contato com a pele, deixando-me submergir nela. Considerando isso, realizei experimentações, me deparando com os desafios logo de início. Trabalhar com a água como material performático e fotográfico pode ser desafiador por várias questões: como ela reflete, sua transparência, e como se comporta sob a influência da luz do sol ou em completa sombra. Como Fortes relata:

Se a matéria surge como presença significativa na arte contemporânea, esta presença não substitui totalmente a representação como

imagem. Além da imagem continuar presente na pintura, mesmo de forma conflituosa e consciente de seu caráter ilusionista, ela também se realiza nos processos fotográficos e eletrônicos. Porém, se na pintura a representação ocorre de maneira essencialmente simbólica e condicionada exclusivamente à habilidade formal e à vontade do artista, na fotografia e no vídeo esta representação depende também da presença material real daquilo que é representado. Embora não se possa considerar o olhar fotográfico como neutro, pois a vontade do fotógrafo dirige certos conteúdos simbólicos, a imagem formada em fotografia e vídeo tem um caráter essencialmente indicial, já que capta a presença da matéria em sua aparição luminosa. (FORTES, 2006, pág. 52)

Portanto, me permiti nadar pelas possibilidades e experimentações com a fotografia e a videoperformance. Buscando a conexão com a água que tomou para si minhas memórias e as afogou, em uma procura pela aceitação de que essas lembranças já não voltam mais, deixando-as ir embora de uma vez.

Após a primeira tela produzida, meu processo se tornou mais fluido, decidi me entregar totalmente às produções,

focando menos nas preocupações em só produzir algo se mostrasse promissor, voltando meu foco agora para o ato de experimentar cada técnica, material e suporte artístico que fosse necessário durante a pesquisa. Busquei entender como cada produção poderia influenciar os rumos da minha investigação. Visto isso durante a criação do esboço da obra seguinte, surgiu a escolha de um material diferente do que costumo usar. Para essa segunda obra, optei por usar a aquarela e o papel com uma gramatura capaz de suportar as muitas aguadas que fiz, materiais que também se conectam com a temática devido ao peso da água. A aquarela não é um material que uso com tanta frequência, embora trabalhando com aguadas com a tinta acrílica, o que segue a mesma linha de raciocínio da aquarela, me sinto como uma criança, experimentando algo novo sempre que me atrevo a pintar algo com o material. Assim meu maior intuito com esta produção foi me deixar levar pelo material que não tenho tanta afinidade como meio de soltar o traço ou como muitos artistas que conheço dizem “confiar no processo”.

A inspiração principal se deu a partir de uma cena do longa *Reinventing Marvin* (figura 9) de Anne Fontaine e a capa do álbum *Lô Borges* (1972) de Lô Borges (figura 10) como um grande referencial imagético. O longa despertou interesse pela maneira não linear que a história do personagem central é contada, transitando entre seu passado e presente, ora mostrando cenas de sua vida adulta ora voltando a sua infância trazendo à tona a sua relação com a arte e o mundo ao seu redor. Minha ideia tomou forma assim que o personagem principal, Marvin, está apresentando sua peça com uma amiga, atuando em uma cena que o mesmo lembra ter vivenciado em um dia de seu cotidiano de infância. Na cena em questão o pequeno Marvin e sua mãe conversavam na cozinha, enquanto sua mãe mantinha os pés dentro de uma bacia com água, logo, enquanto atuava todo o palco se encontrava molhado, este, tinha um formato que possibilitava ser coberto por água, o suficiente para manter os pés dos atores submersos, este detalhe, ao meu ver, é o que ligava seu passado e o presente do personagem. Vale destacar que o

cartaz do filme (figura 6) apresenta um jogo de reflexo do personagem: o mostra adulto com o reflexo na janela de uma criança – uma ideia que foi crucial para a concepção da minha obra. Após isso, enquanto ouvia música, me deparei com a capa do álbum de Lô Borges (figura 9), a capa foi o gatilho responsável pela composição da ideia, assim, pude finalmente colocá-la em prática.

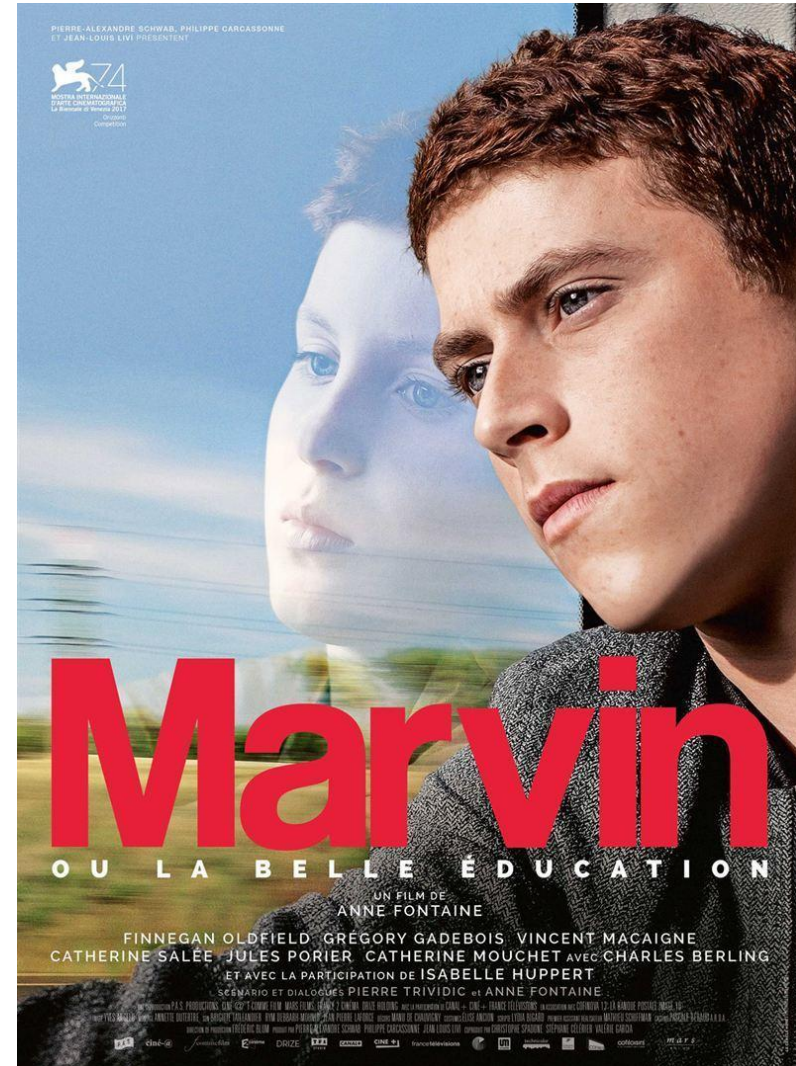


Figura 9: Direção: Anne Fontaine, *Reinventing Marvin*, 2017. Disponível em : <https://en.unifrance.org/movie/42699/reinventing-marvin>

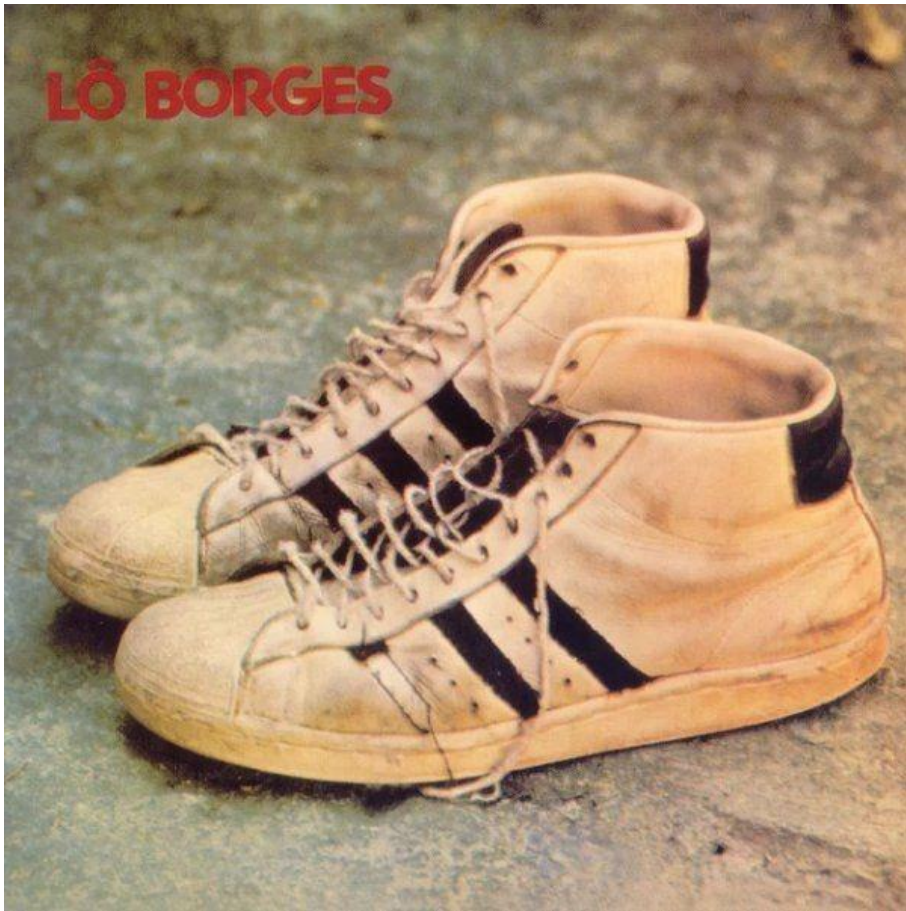


Figura 10: Capa do álbum *Lô Borges* de Lô Borges. Fonte: BORGES, Lô, 1972. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/OfXZAZ5XejnxhgRV38SH5l>

Nesta narrativa, a produção seguiu o mesmo raciocínio da primeira, continuei explorando a água como algo que levou minhas memórias de infância, tentando trazer essa duplicidade entre meu eu do presente (por enquanto fora d'água) e meu eu do passado (estando sempre submersa). Tudo se inicia com as ideias surgindo de forma abrupta. Iniciei com um rascunho feito com uma caneta esferográfica em um bloco de notas (figura 11), seguindo a ideia que surgiu tendo a capa do álbum de Lô Borges como referência, o primeiro esboço foi como um exercício visual, sem a utilização de nenhuma outra imagem de referência. Em seguida, fiz a coletânea de imagens que serviu para me auxiliar a ilustrar e organizar este cenário de fragmentos de lembranças que ainda possuo.

Nesta produção utilizei referenciais imagéticos tanto meus quanto coletados como de costume, fotografei meus pés na exata posição que queria para a produção da colagem que fiz antes da obra em si (figura 12), a partir dali, realizei testes de cores digitalmente, adicionando detalhes como a distorção do reflexo. Meu próximo passo

foi iniciar a pintura com a aquarela, mantendo a paleta sempre pronta para a construção das camadas com tonalidades diferentes, não me preocupei com as manchas se formando quanto pintava. Na finalização, acabei ficando satisfeita com o resultado mais manchado que a aquarela proporcionou, finalizei com a camada de tinta azul esverdeada super aguada nos pés menores, para dar o efeito desejado de imersão, como feito na última produção, *Refração do Tempo* (figura 8). Vale destacar nesta composição a maneira como os pés que se encontram debaixo d'água vão se mesclando com ela de acordo com a profundidade (figura 13), remetendo ao apagamento e a deterioração das fotografias que perdi e o que elas registravam em si.



Figura 11: (acima) Ana Vitória Guimarães, Esboço. Desenho, Caneta esferográfica sobre papel. Fonte: acervo pessoal.

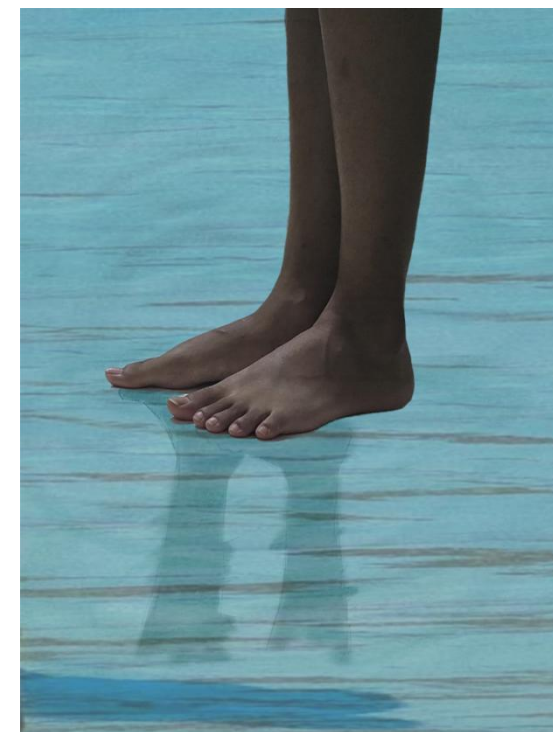


Figura 12: (à direita) Ana Vitória Guimarães, Colagem digital. Fonte: acervo pessoal.



Figura 13: Ana Vitória Guimarães, *Reflexo*, 2025. Pintura, Aquarela sobre papel. Dimensões: 29,7 cm x 42 cm. Fonte: acervo pessoal.

2.1 NADO ARTÍSTICO



Observando minhas anotações, guardadas desde o início desta investigação, percebi a recorrência de rascunhos para produções, maioria sendo feita durante momentos de escrita e sendo deixadas de lado logo após como uma forma de amadurecer a ideia com o tempo. Essa prática de "marinar" uma ideia por um tempo até me sentir pronta para realizá-la se mostrou essencial para o meu processo. A partir de um desses rascunhos, feito meses atrás, nasceu a próxima produção, uma tríade que finalmente explora a imersão da qual falo desde o início.

Esta obra marca a entrada em uma nova fase da minha pesquisa, na qual a imersão, de fato, acontece. Durante a produção da obra *Reflexo* (figura 13), me dediquei a explorar novos materiais e suportes. Visto isso na criação do tríptico decidi voltar as produções em tela me aprofundando mais no conceito de trabalhar com o tema água de uma forma menos óbvia como senti quando pinte com aquarela. Logo de início, nos primeiros passos para a produção do tríptico, me deparei com desafios no processo. As produções anteriores a esse tríptico (figuras

8 e 13) foram desenvolvidas com a ideia de que minha criança de quatro anos está submersa, enquanto eu, no presente, a observo e tento me aproximar, mas propositalmente sem entrar no mesmo espaço, mantendo esta barreira entre nós duas que seria a água. Assim, nesta pesquisa dividi o meu processo em duas etapas, antes e depois da imersão. Essa imersão presente nas telas, ficou reservada para o momento em que eu, com o propósito de avançar mais ainda na pesquisa, entrasse de fato debaixo d'água tanto nas obras quanto fisicamente.

Originalmente o tríptico seria uma série composta por cinco telas (figura 14), mas, com o tempo, senti a necessidade de diminuir a quantidade, a ideia a princípio me pareceu muito óbvia e repetitiva, sem muitas aberturas para interpretações, e isso não era o que eu queria. Essa constatação me fez enxergar a importância do tempo entre a concepção da ideia e a criação da obra, permitindo que ela amadureça.

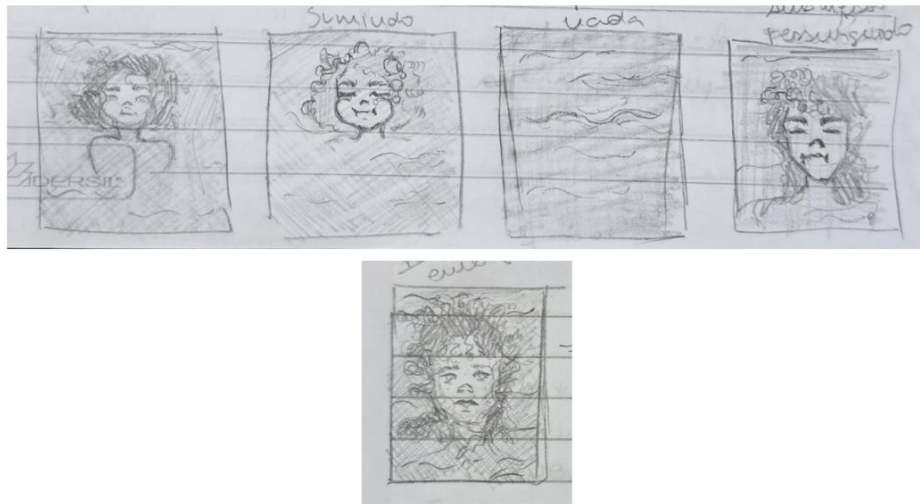


Figura 14: Ana Vitória Guimarães, esboço. Fonte: acervo pessoal.

O processo criativo seguiu o mesmo padrão de todas as produções até aqui, da idealização em um rascunho, passando por uma coletânea de imagens para traduzir a ideia, pela colagem digital, até, por fim, a tela final. Em uma conversa durante a disciplina de *Laboratório de Produção Artística 3*, fui incentivada a utilizar um material que, posteriormente, me faria refletir sobre o seu uso.

O *medium*⁵ me foi apresentado como um instrumento para o aprimoramento da primeira tela produzida nesta pesquisa, à técnica da velatura que é a aplicação de uma camada fina de tinta em conjunto ao *medium* sobre pontos específicos da tela seca, alterando a tonalidade dando o efeito de profundidade e luminosidade. No entanto, por não ter familiaridade com ele, a aplicação inicial sem o devido cuidado resultou no prolongamento do tempo de secagem da tela que produzia (figura 17), resultando em uma produção parada por quase um mês para a secagem⁶.

A segunda dificuldade, ainda mais significativa, também surgiu durante a confecção do tríptico. Para uma melhor percepção das cores, decidi entrar na piscina de minha casa, buscando compreender como a água e a luz interferem na cor da pele. Este foi o início da nova fase da

⁵ São aditivos preparados que alteram as características da cor, utilizados para alterar o ritmo da secagem da tinta.

⁶ A tela, iniciada em 17 de agosto de 2025, só foi finalizada em 9 de setembro, quando a tela mesmo não estando totalmente seca me permitiu interferir novamente.

pesquisa: ali, o contato da pele com a água (até então apenas sugeridos nas pinturas), havia finalmente se concretizado pela primeira vez. O surgimento de novas questões, as dificuldades que notei a partir dali, me ajudaram a imaginar até onde levaria esta etapa da investigação.

Com a ajuda da minha mãe, que tirava as fotos, notei ali uma complicação para me manter debaixo d'água, já que desde criança sempre tive dificuldade de me controlar em piscinas mesmo quando ensinada. As condições climáticas também não estavam favoráveis, pois o dia estava frio e a água gelada e, no fim das tentativas, acabei obtendo um resultado não muito satisfatório naquele momento. Essa situação me fez questionar se teria mais dificuldades nas produções de videoperformances futuras. Ao me voltar para as produções das telas, percebi nas primeiras que o uso excessivo e sem muito controle do *medium* retarda a secagem de forma exagerada, atrasando a finalização da obra. Esse tempo, no entanto, foi valioso

para que eu pudesse repensar a composição da obra notando erros não vistos anteriormente a tempo de corrigi-los. Na produção da terceira e última tela que produzi para a série *Atrás-Além* (figura 18), fiz uso de um conta-gotas para controlar o material, embora não tenha chegado a uma conclusão sobre a quantidade ideal, visto que ainda utilizo água para diluir a tinta. A espera pela secagem da segunda tela (figura 17) e o início da que ficaria ao centro (figura 16), me permitiu observar atentamente a direção da luz em cada uma das obras. Quando as coloquei lado a lado, percebi que não havia pensado na iluminação das telas em conjunto, fazendo assim que todas elas seguissem o mesmo padrão, sombra no canto superior esquerdo e luz no canto superior direito, me incomodando com a falta de continuidade, fiz mudanças em duas das telas.

A primeira tela (figura 15), que segue com a iluminação no canto superior direito, se conecta com a tela do centro, que mantém essa claridade por toda a sua parte superior. A última tela (figura 17) finaliza com a iluminação no canto

superior esquerdo, reforçando o fato de que, quando juntas, elas se completam, funcionando quase como uma tela só.

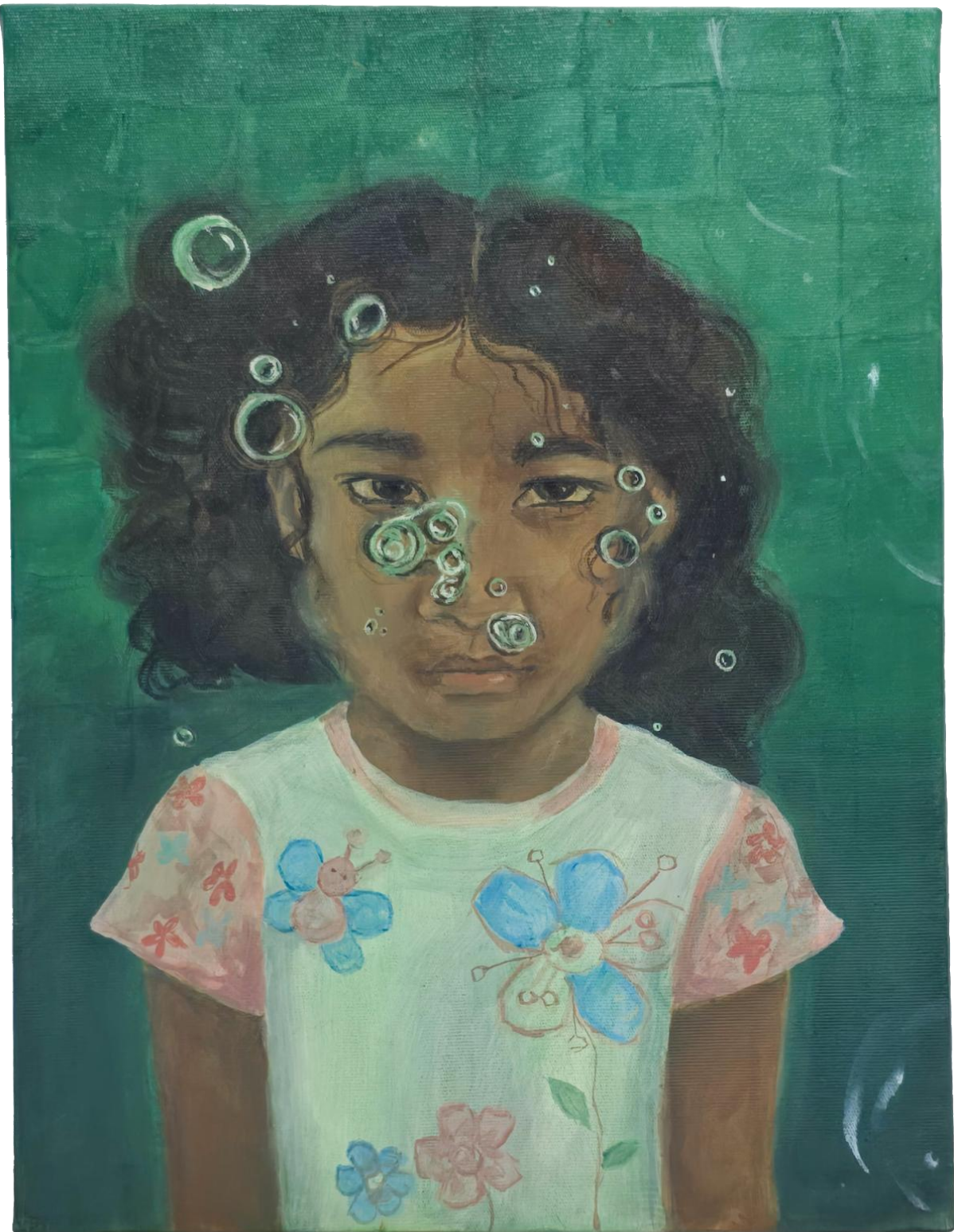
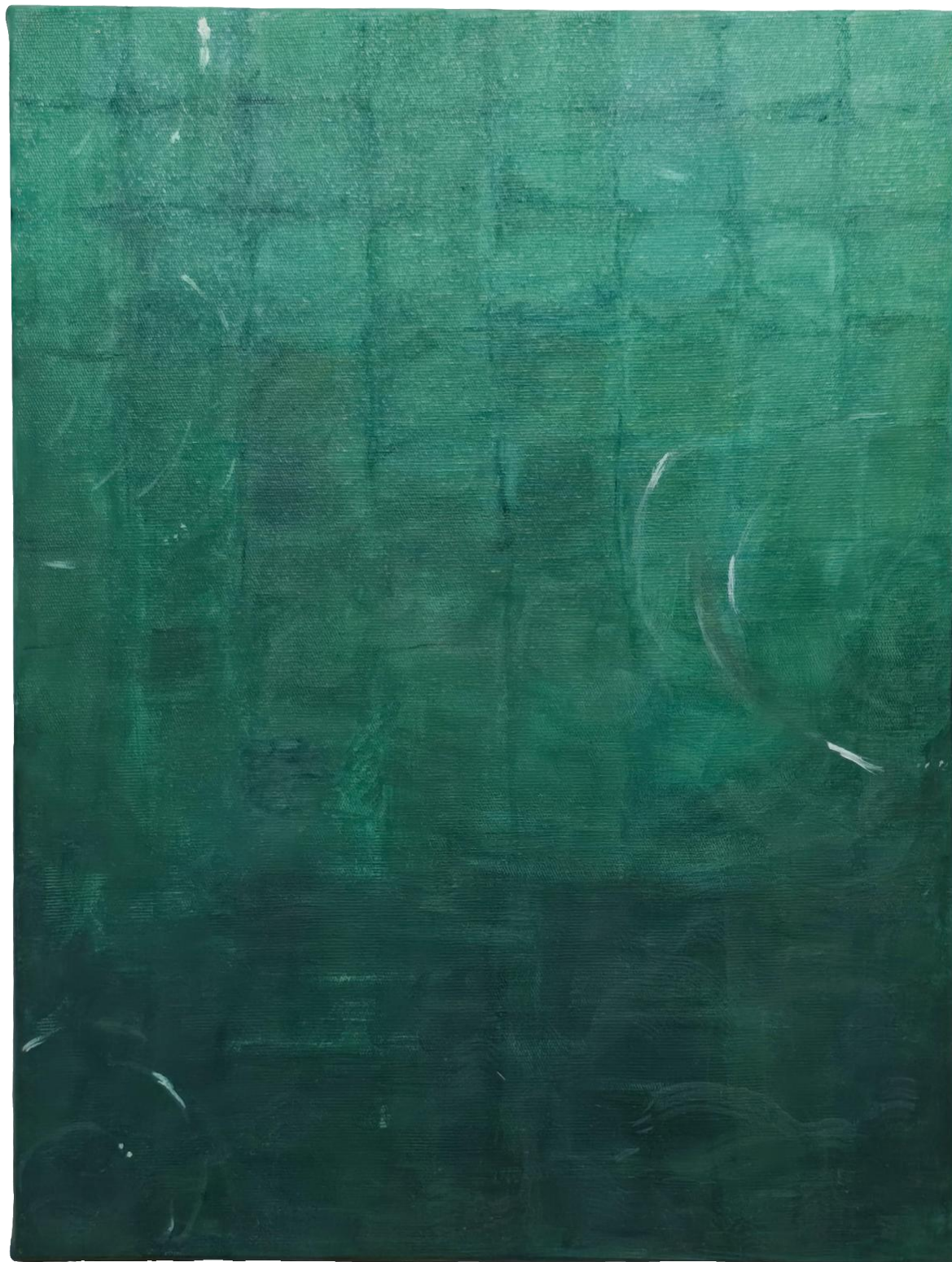


Figura 15: Ana Vitória Guimarães, da série *Atrás-Além*, 2025. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 30 x 40 cm. Fonte: acervo pessoal.

Figura 16: Ana Vitória Guimarães, da série *Atrás-Além*, 2025. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 30 x 40 cm. Fonte: acervo pessoal.



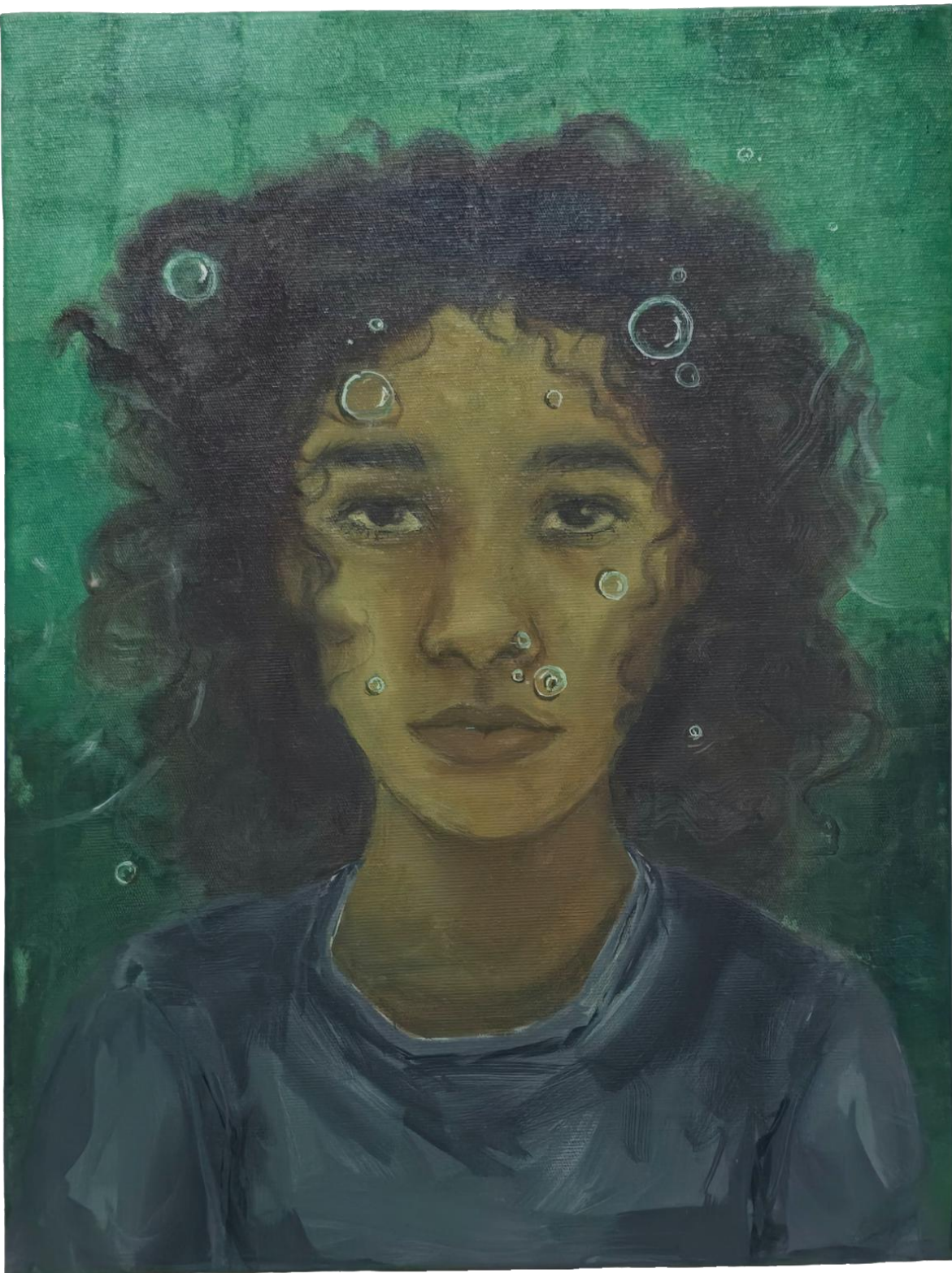


Figura 17: Ana Vitória Guimarães, da série *Atrás-Além*, 2025. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 30 x 40 cm. Fonte: acervo pessoal.



Figura 18: Ana Vitória Guimarães, série *Atrás-Além*, 2025. Pintura, Acrílico sobre tela. Dimensões: 90 x 40 cm. Fonte: acervo pessoal.

Na produção do tríptico, tive grande influência de obras como *The Bigger Splash* de David Hockney (Figura 19), *The Dreamers* de Bill Viola (figura 20) e a capa do álbum *Água Viva* de Gal Costa (figura 22). Tive meu primeiro contato com as obras de Bill Viola na disciplina de Videoarte, obras como *The Reflecting Pool* (figura 21) e *The Dreamers* me chamaram a atenção de imediato pela tranquilidade presente, me servindo como gatilho quando iniciei minhas produções e se fortalecendo mais ainda na minha pesquisa após minha decisão de adentrar nas experimentações com videoperformance.

Ao meu ver, as obras de Viola seguem uma leitura inquietante, pois exalam uma quietude desconfortável. *The Dreamers* apresenta pessoas submersas em uma água cristalina de olhos fechados com uma feição de total paz de espírito. Dentre elas, a que me chamou mais atenção foi a de uma criança. Como já comentei, sempre tive dificuldade em nadar e me manter debaixo d'água sem entrar em completo pânico só de pensar que, sem querer, respiraria e a água passaria ardente pelas minhas narinas,

ou também pela lembrança traumática de quase me afogar na primeira vez que entrei no mar acompanhada de meu pai quando ainda bem nova. Logo, a primeira coisa que me veio em mente quando avistei a obra de Viola, foi o pensamento de que aquela calma debaixo d'água, nunca seria possível comigo, e isso se comprovou com a iniciação das videoperformances na qual notei que esse “medo” ainda está presente até os dias de hoje, já adulta. Todas as vezes que tentei mergulhar para gravar uma videoperformance, a ansiedade me assolava e então não conseguia manter-me tempo suficiente para criar algo que me satisfizesse.

Tal calma trabalhando debaixo d'água só pude experimentar nas pinturas, o tríptico apresentado (Figura 17) foi o resultado de meses me apoiando na obra de Viola (Figura 20) e David Hockney com suas pinturas com piscinas azuis (Figura 19). Telas de Hockney foi um divisor de águas na produção do tríptico, em que, para especificar que me referia a uma piscina, passei a usar azulejos como elementos de minhas pinturas. O álbum de Gal Costa, em

conjunto com as fotos tiradas na piscina, foram referenciais imagéticos insubstituíveis neste processo. Eu a utilizei para um melhor entendimento da luz sobre a água e como isso interfere na pele. Além disso, os cabelos cacheados e volumosos dela, me influenciaram no modo como executei as pinceladas na tela, com pouca tinta, feitas com um pincel achatado, proporcionando a textura de um cabelo cacheado quando debaixo d'água. Neste ponto o *medium* também foi de grande ajuda, ali já entendia que ele tornava a tinta mais densa e cremosa, me possibilitando arrastar o pincel e a tinta pela tela dando o efeito suave de embaçado, uniformizando o cabelo com o resto da tela, o fazendo parecer flutuar.



Figura 19: David Hockney, *A Bigger Splash*, 1967. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 242,5 x 243,9 cm. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/hockney-a-bigger-splash-t03254/understanding-david-hockneys-bigger-splash>



Figura 20: (acima) Bill Viola, *The Dreamers*, 2013. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt9715042/mediaviewer/rm480472576/?ref_=tt_ph_1

Figura 21: (à esquerda) Bill Viola, *The Reflecting Pool*, 1977-1979. Videoarte, instalação em videotape. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/120413>



Figura 22: Capa do álbum *Água Viva* de Gal Costa. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2022/12/21/album-de-gal-costa-que-amplificou-a-voz-da-cantora-em-1978-agua-viva-e-reeditado-no-formato-original-de-lp.shtml>

Quando as telas estavam secando a minha frente, logo após o que eu imaginava ter sido o último passo para a finalização delas (passar última camada de tinta azul esverdeada, bem diluída, que seria a responsável por dar a profundidade e a sensação de imersão das personagens na água) tive um de meus insights⁷, por que não adicionar algumas linhas a mais, desenhando marcas de gotas de chuva na tela? Cada pincelada foi adicionada às telas estrategicamente para que houvesse uma continuidade às mesmas quando colocadas lado a lado (Figura 23 e 24), finalizando o tríptico.

⁷ Percepção imediata de algo.



Figura 23 e 24: Ana Vitória Guimarães, série *Atrás-Além* (detalhe), 2025. Pintura, Acrílica sobre tela. Dimensões: 90 x 40 cm. Fonte: acervo pessoal.

Esta última etapa se tornou muito significativa, pois antes disso precisei realmente estar em minha piscina durante uma chuva de setembro. Em uma tarde quente de primavera, lembro-me de comentar à minha mãe que estava tão calor que, se chovesse eu poderia brincar na chuva, como fazia quando criança. Pouco tempo depois comecei a sentir o cheiro de chuva e o vento pela janela da sala, me mostrando que minha “criança havia sido escutada”. Naquele dia fui brincar na chuva, fui para piscina com meu celular não tão preparado para ser molhado e me permiti ficar registrando a chuva e me molhar até que a mesma cessasse. Os registros me serviram tanto como referência visual para a produção do tríptico, como foram minha primeira experimentação de videoperformance (figuras 25 e 26)



Figura 25: (acima) Ana Vitória Guimarães, *Inundação*, 2025. Videoperformance. Minutagem: 00:21:06 Fonte: acervo pessoal. Disponível em : <https://drive.google.com/file/d/1XWdFgvJixHdXVEVqG42fFszbYmXOG5kS/view?usp=drivesdk>

Figura 26: (página seguinte) Ana Vitória Guimarães, *Inundação*, 2025. Videoperformance. Minutagem: 00:24:08 Fonte: acervo pessoal. Disponível em : <https://drive.google.com/file/d/1XWdFgvJixHdXVEVqG42fFszbYmXOG5kS/view?usp=drivesdk>



Após a produção do tríptico, coloquei todas as obras finalizadas até aquele momento, apoiadas na mesma parede e pude observar como todas demonstravam a mesma sensação de quietude e paz que via nas obras de Viola e Hockney, mesmo diante de uma memória triste e com os turbilhões de sentimentos que senti no fatídico dia quando avistei minha casa daquela forma.

Todas as minhas produções desde a série fotográfica que fiz em 2023 (Figura 4) até as videoperformances que fiz em setembro de 2025 (Figuras 25 e 26), apresentavam inconscientemente esse contraste entre a tristeza que eu carregava dessas lembranças e a tranquilidade no olhar e gestos presentes em cada uma das obras. Por mais que muitas de minhas inspirações venham também da música, sejam elas via letras melancólicas que falam de memória e água, até a capas de álbuns emblemáticas o suficiente para se tornarem ideias novas, noto em meu trabalho um silêncio simbólico já que telas normalmente não emitem som, apenas podem induzi-los. Mesmo assim, algumas vezes, sou capaz de “escutar” o som da chuva, das gotas

caindo na água, um som abafado, quase mudo. Gosto de pensar que estou com meus trabalhos artísticos, cicatrizando aquele trauma de infância, devolvendo a paz para aquela criança desolada que fui.

Considero importante salientar que algumas obras das artistas Malu Fatorelli e Sandra Cinto me chamam atenção pela forma como elas lidam com a água e o tempo em suas obras. Na exposição *Clepsidra: arquitetura líquida* (figura 27), de Malu Fatorelli, inaugurada na Galeria Laura Alvim em 2014, pode se observar em *Suíte Líquida* (Figura 28), a água azulada vai escorrendo aos poucos sobre tiras grandes de papel japonês, deixando o papel manchado de acordo com o tempo e a umidade do espaço. Na exposição, Fatorelli também separa um espaço onde as paredes estão envoltas por um videoinstalação de águas em movimento (Figura 29), a primeira vista me transmitindo uma sensação de inundação. Como a própria artista falou, “trazer o mar pra dentro de casa” (FATORELLI, 2014), penso que essa ideia se relaciona com minha

pesquisa de certa forma, mesmo que falando de águas diferentes.

Figura 27: Detalhes da exposição *Clepsidra: arquitetura líquida*, de Malu Fatorelli, Galeria Laura Alvim em 2014. Disponível em: <https://malufatorelli.com/clepsidra-arquitetura-liquida/>





Figura 28: (acima) Malu Fatorelli, *Suíte Líquida*, 2014. Instalação, tinta diluída sobre papel japonês. Disponível em: <https://malufatorelli.com/clepsidra-arquitetura-liquida/>

Figura 29: (à direita) Malu Fatorelli, sem informação definida. Disponível em: <https://malufatorelli.com/clepsidra-arquitetura-liquida/>

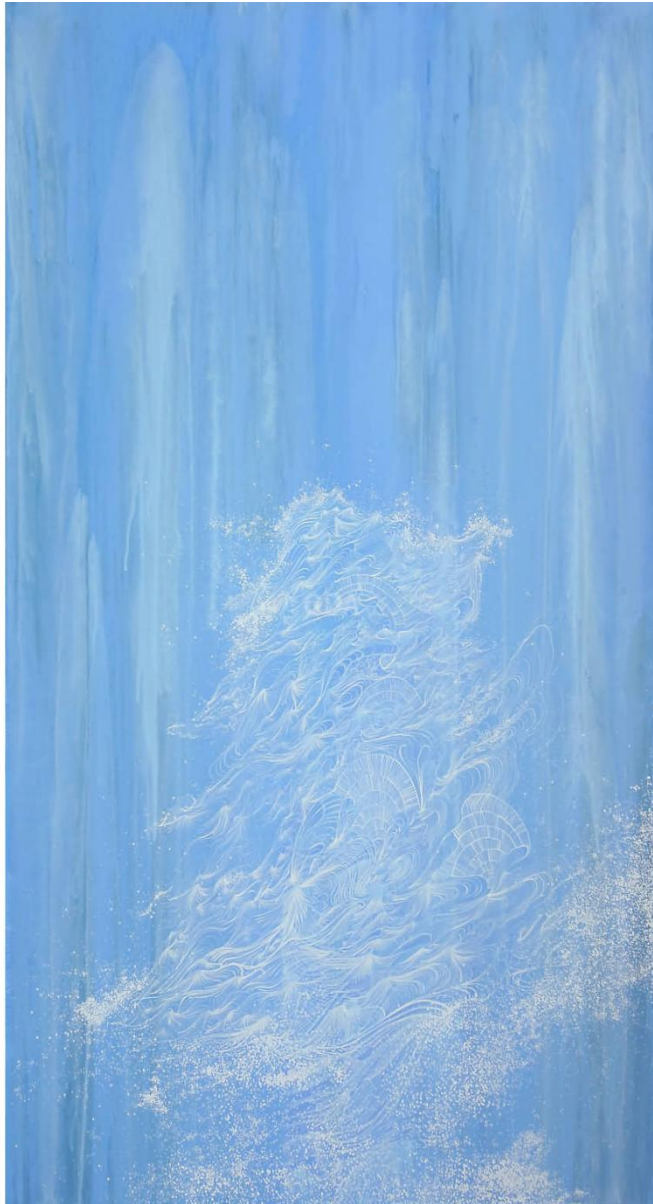


Figura 30: (à esquerda) Sandra Cinto, *Sem Título*, 2020. Pintura, acrílica sobre tela. Dimensões: 75 cm x 125 cm. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/sandra-cinto/obras-e-biografia>

Sandra Cinto por sua vez trata do tempo de forma minuciosa, seus desenhos são produzidos de forma lenta e detalhada, desenhando ondas fortemente inspiradas nos desenhos japoneses. Na obra de Sandra Cinto (Figura 30), a artista trabalha com acrílica sobre tela, se aproximando de minha pesquisa não só pelo tema mas também em materiais utilizados.

Antônio Obá é igualmente um grande referencial artístico para a composição de minhas obras, como as produções *Wade in the water (after Adriana Varejão)* e *Fata Morgana* (Figuras 31 e 32). Obá traz como elemento central a imagem da criança preta, nesse contato com a água me servindo ainda mais como respaldo pela forma como ele transforma tragédias em obras poéticas (o mesmo que faço com minha pesquisa). A composição da *Wade in the water (after Adriana Varejão)* é o que me fez voltar minha atenção para as obras de Obá: a cores fortes da piscina, os

azulejos bem evidentes e a criança com os pés tocando a água, elementos esses que foram responsáveis por todas as escolhas que fiz para a composição das minhas minhas produções nesta pesquisa. Assim tracei todo o caminho que percorri, desde a cor da água até a paleta escolhida para as roupas que situam o tempo a que me refiro.

Em *Fata Morgana*, a criança está prestes a mergulhar nessas águas, tendo perto de si uma libélula, que simbolicamente representa novos ciclos e adaptabilidade. Esta obra foi significativa no meu processo, pois ela me levou ao ponto da pesquisa em que decidi trabalhar com a imersão, me fez refletir o também posteriormente o fato de que, no fim das contas, na finalização das experimentações com as videoperformances, eu nunca ter entrado de fato totalmente debaixo d'água.

Desta forma, as pinturas me fazem sentir um congelamento do tempo e do ato - a criança está ali quase como numa flutuação prestes a entrar na água, mas não veremos isso acontecer. Em minhas obras quando retrato

meu eu do passado, esta é uma das minhas principais escolhas de representação, como se aquela “pequena Ana” estivesse congelada no tempo, submersa desde o ocorrido.



Figura 31: Antônio Obá, *Wade in the water (after Adriana Varejão)*, 2019. Pintura, óleo sobre linho. Dimensões: 50 x 50 cm. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/entenda-oito-obras-de-antonio-oba-presentes-na-pinacoteca-de-sp/>



Figura 32: Antônio Obá, *Fata Morgana*, 2022. Pintura, óleo sobre tela. Dimensões: 150 x 200 cm. Disponível em: <https://mendeswooddm.com/artworks/45939-antonio-oba-fata-morgana-n-1-2022/>

A escolha dos títulos para cada produção artística desta investigação visou estabelecer um diálogo entre o fenômeno físico e simbólico da água e a composição de cada obra. De acordo com o dicionário online Dicio a “refração é a mudança de uma onda que, geralmente sonora ou luminosa, passa de modo oblíquo para um meio cuja velocidade de propagação é modificada” (Refração, 2025). Ou seja, este fenômeno causa a distorção perceptiva do objeto submerso, fazendo-o parecer desalinhado de sua posição real. Neste contexto a obra (figura 8) passa a se chamar *Refração do Tempo* como uma metáfora, nela aquilo que se encontra submerso é a representação imaginária e distorcida do cenário de infância (ou seja, do passado, pois como explicado antes ela é a tentativa de recriação de uma lembrança parcialmente esquecida, portanto ela também é parcialmente inventada), enquanto a superfície se refere ao meu presente. Assim, a obra apresenta uma distorção do reflexo e do tempo, onde meu passado não foi

capturado com exatidão, mas sim refratado pela lente da vivência adulta.

Em seguida, a obra *Reflexo* (figura 13) foi nomeada visando sua composição e contexto. O conceito de reflexo é entendido como "aquilo que se faz por meio da reflexão" (Reflexo, 2025), portanto, ainda que a distorção do tempo persista nesta produção, o foco desta vez foi trabalhar com a água como o intermediário explícito entre os dois tempos, quase como um espelho da alma, tal qual interpretei na divulgação do longa *Reinventing Marvin* (figura 9).

O tríptico (figura 18), por sua vez, é a única produção que não leva um nome diretamente ligado à água. A série intitulada *Atrás - Além*, foi feita em referência direta à canção de mesmo nome da banda O Terno. A escolha se deu pela conexão afetiva desenvolvida com o álbum em que a música está presente. Lançado em 2019, o álbum foi

ouvido e repetido à exaustão em meio a pandemia⁸. <Atrás/Além> (álbum) foi um conforto, traduzindo em melodia e canto aquilo que eu precisava ouvir, foi o ponto de partida para uma reflexão artística com o meu passado e a necessidade do amadurecimento sentido a cada música ouvida. A música foi para mim como se tivesse havido uma conversa entre a minha criança interior e a adolescente que fui, como um consolo. Aquela foi a primeira vez em que pensei na minha infância de forma artística, com ideias de produzir sobre o tema, no entanto, só o iniciei de fato em 2023.

⁸ Época essa que eu tinha 15 anos, uma adolescência presa dentro de casa, com a cabeça cheia de preocupações sobre o futuro e o que ele me reservava.

CONDENSAÇÃO

Se no início dessa investigação um dos meus maiores intuitos era transformar um evento traumático da infância em um campo de investigação artística, por meio do autorretrato, ao concluí-la, posso considerar que consegui chegar em um desfecho satisfatório. Durante os últimos meses, dedicados à investigação de cada vestígio fotográfico, a reconstrução da memória por meio das colagens, telas e vídeos performances, mantive a memória agora um pouco mais clara do que um dia já foi. Tratar de um assunto tão delicado para mim e minha família, não me afeta mais negativamente como antes acontecia. As lembranças ainda são turvas, mas minha maneira de reinventá-las me ajudou a deslocá-las de um ambiente de dor para um de conforto e de regeneração. A determinação em investigar sobre aquele fatídico dia e criar registros quiméricos, se concretizou, garantindo que aquela criança de quatro anos, inexistente em registros fotográficos, agora fosse de alguma forma, imortalizada

em minhas telas. Sem dúvidas, pude reviver o trauma de muitas formas e me aproximei terapeuticamente da minha criança interior, a cada música ouvida durante as produções das pinturas. Gosto de pensar que, ao pintar, estou me conectando com ela e que, por causa dela, a calma esteve presente não só nos trabalhos que produzi, mas em mim também. Com esta pesquisa foi possível me enxergar para além daquela menininha frágil e submersa pela água que a consumiu, fazendo-a capaz brincar na chuva livremente, em seu processo de transformação poética da dor, deixando ela ir.

A escolha do autorretrato em conjunto com o peso da água apresenta um diálogo com o mito de Narciso⁹. Na obra *Refração do Tempo*, a escultura de Narciso (1868) de Ernest-Eugène Hiolle presente *Esboço 01* (figura 5) serviu como ponto de partida para a composição da obra. A

⁹ O mito diz respeito a um homem que, pelo seu desprezo pelos que o amavam, foi condenado a admirar sua própria imagem pelo reflexo de um rio até que definhou e sucumbiu, se tornando assim símbolo da vaidade.

partir dela pude fazer registros meus que posteriormente foram adicionados à primeira versão da colagem realizada para a produção da tela. A princípio, o autorretrato pode ser visto como um ato narcísico, porém em minha pesquisa a utilização da escultura de Narciso como referência visual seguiu como ponto de partida crítico. Neste trabalho, a água não é a mesma que condenou Narciso, aqui ela foi transformada como um meio de diálogo e de multiplicidade citada no texto de Profa. Dra. Manoela do Anjos Rodrigues:

(...) compreendo que “auto” não se refere a expressão de um eu isolado, mas sinaliza a multiplicidade de relações - históricas, sociais, geográficas, subjetivas, dialógicas - que o sujeito da autobiografia vai reconhecendo ao buscar narrar suas histórias de vida” (RODRIGUES, 2021, p. 98).

Isso se concretizou com a presença de minha mãe nesta investigação: ela não só testemunhou a tragédia da inundação de nossa casa, como também foi uma participante ativa no meu processo artístico, já que ela

consegue se lembrar de muitos mais detalhes daquele dia e com uma perspectiva de adulta e de mãe. As conversas compartilhadas sobre nosso passado, a ajuda que ela me ofereceu ao refrescar minha memória (por muitas vezes estando presente no suporte e registro das fotografias e gravações que utilizei nas colagens e referência para pintura) foram cruciais para a construção de um vínculo de memórias compartilhadas entre minha mãe e eu.

Sem dúvidas, minha mãe foi uma participante ativa no meu processo artístico. Nossas conversas, repletas de reminiscências sobre o passado, e a ajuda que ela me proporcionou ao reviver esses momentos (muitas vezes de forma afetiva e cuidadosa), seja refrescando minha memória ou colaborando no registro fotográfico e nas gravações que embasaram as colagens e as referências pictóricas são testemunhos eloquentes de que o “eu” de quatro anos, que permeia cada tela, foi sendo reconstruído e reconfigurado a partir do vínculo profundo de memórias compartilhadas entre ela e eu.

Gostaria de deixar registrado um trecho de um texto que escrevi em setembro de 2025, onde expressei de forma livre o que estava sentindo em relação à pesquisa e minha nova relação com a minha criança interior e o meu passado:

Sinto que, desde que comecei a pesquisa, tenho tido uma relação melhor com o meu passado; é como se tivesse transformado meu eu do passado em um tipo de entidade ou guardiã, algo do tipo que uso pra me confortar sempre, quando tudo, inclusive a pesquisa, fica difícil pra mim. É como se ela existisse ao mesmo tempo que eu agora e falasse comigo pelas telas, sonhos, espelhos... Sempre tive noção de que ainda não me conhecia por completo e isso às vezes criou uma barreira entre eu e eu, mas nunca pensei que me conectaria tanto comigo mesma nesta pesquisa. Sinto-me acalentada e abraçada por essa pequena Ana de quatro anos que coexiste comigo dentro de mim. Por mais que trabalhe com o apagamento, apagando mais ainda, não sei responder ainda de fato o que é o apagamento pra mim, e ainda assim sinto como se estivesse trazendo a história do meu passado mais à tona do que nunca. (GUIMARÃES, 2025).

Esta pesquisa buscou infundir a água não só nas produções, mas em cada linha aqui escrita. A investigação foi narrada como forma de apresentar minha trajetória dos últimos quatro anos de graduação, interligando-a à minha história de infância. Percorrer cada linha é como caminhar em pequenas ondas que surgiram do meu caminhar com os pés submersos. Ao escolher colocar a cor da fonte do texto apresentado em um tom esverdeado (o mesmo presente em cada produção artística), vejo cada palavra como uma gota de chuva que em conjunto se tornou uma inundação de águas filtradas; águas que curam e acolhem a aceitação da irreversibilidade do tempo e dos acontecimentos. A construção do texto em duas colunas, também reforça o duplo que se repete: a Ana do passado e a Ana do presente.

A videoperformance *Inundação*, escolhida como a capa desta investigação, é a síntese de todos os trabalhos que produzi nesta pesquisa. Nela, a água vai ficando turva com as gotas da chuva, borrando a superfície se assemelhando

às minhas memórias. Então, mesmo usando meus equipamentos de mergulho para me ajudar, ainda sim o tempo e a densidade da água mantém minhas memórias tão afundadas que elas se tornaram construções que eu faço da minha infância. Nela, inconscientemente retomei os detalhes daquele trágico dia, a visão turva de mim com as pernas na água. Ao fazer o paralelo entre os dois tempos, me coloquei, agora na perspectiva adulta, na mesma posição que tive aos quatro anos, conquistando, no ato de brincar na piscina enquanto chovia, a cura que ansiava.

Comecei esta pesquisa com os pés sobre as águas e a concludo com as águas sobre meus pés novamente. Destaco, assim, o meu interesse pela continuação do aprofundamento do tema após a graduação. Levando as experimentações produzidas em consideração para obras futuras, pretendendo produzir trabalhos ainda maiores, talvez transpondo os recortes e colagens do digital para as telas físicas, trabalhar com a ideia de fazer o registro das

conversas que tenho com minha mãe e usar esse documento como forma não só documentação, mas também como material artístico. Já iniciei, por exemplo, a criação de *storyboards*¹⁰ para futuras animações, visando aprofundar cada vez mais nessas águas. Esta continuidade pode ser fundamentada no livro de Cecilia Almeida Salles (2000): "O percurso criador mostra-se como um itinerário recursivo de tentativas, sob o comando de um projeto de natureza estética e ética, também inserido na cadeia da continuidade e, portanto, sempre inacabado" (SALLES, 2000, p. 27-28). A obra, portanto, é um gesto inacabado que se projeta no tempo

*No dia que eu fui embora
Resolvi (...)
Entender quem sou agora
Ir e vir
Quem sabe eu vá me encontrar
Por aí
Milhas e milhas distante
Anos e anos depois*

¹⁰ Conjunto de desenhos que facilitam a visualização de uma história ou animação.

Muita, mas muita esperança
Você tenta Você tenta também
Você tenta Você tenta ir além (O TERNO, 2019)

Assim como em <Atrás/Além>, de *O Terno*, caminho entre idas e vindas na tentativa de compreender quem sou agora. É nesse movimento de me perder e me reencontrar nas artes que reconheço o início do meu próprio crescimento como parte essencial do processo de formação. Sei que, aos poucos, aprenderei a andar com os meus próprios pés, sem jamais abandonar a criança interior que permanece como matriz de sensibilidade, memória, impulso e criação, independentemente dos dias chuvosos ou não.

REFERÊNCIAS

- AGENDA, Clepsidra - Malu Fatorelli - Dez 2014 | Curta! 12 dez. 2014. 1 vídeo (1 min 30 s). Publicado pelo canal Canal Curta! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XDLQp8fHG8A>. Acesso em: 16 out. 2025.
- ATELIÊ do Artista: Sandra Cinto. 28 mar. 2019. 1 vídeo (5 min 52 s). Publicado pelo canal Revista Bravo! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rbhJ8XHDvDI>. Acesso em: 17 out. 2025.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BOLSA de arte | **O Paralelo**. 8 mar. 2015. Disponível em: <https://www.bolsadearte.com/oparalelo/malu-fatorelli-na-galeria-laura-alvim>. Acesso em: 14 out. 2025.
- ENTENDA, **oito obras de Antonio Obá presentes na Pinacoteca de SP**. 20 jul. 2023. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/entenda-oito-obras-de-antonio-oba-presentes-na-pinacoteca-de-sp/>. Acesso em: 14 out. 2025.
- EXPOSIÇÃO DE ANTONIO OBÁ EM SÃO PAULO. 22 set. 2023. 1 vídeo (3 min 25 s). Publicado pelo canal Canal Arte1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWOuSs4Y2CY>. Acesso em: 17 out. 2025.
- FORTES, Hugo Fernando Salinas Fortes. **Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea**. 2006. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-13082009-155421/>. Acesso em: 16 maio 2025.
- HERÁCLITO. **Heráclito**. São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)

HOCKNEY, David. **A Bigger Splash** - David Hockney. 7 jul. 2015. Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/a-bigger-splash-de-david-hockney>. Acesso em: 14 out. 2025.

INTRODUÇÃO de "A água e os sonhos" de Gaston Bachelard. 30 abr. 2021. 1 vídeo (115 min 1 s). Publicado pelo canal VALERIA CRISTINA PEREIRA DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQGgWabTEuE> . Acesso em: 29 maio. 2025.

O Terno. **Atrás/Além**. Álbum: <Atrás/Além>, 2019.

PRAIA do Futuro. Direção: Karim Aïnouz. Produção: Coração da Selva; Hank Levine Film. [s. n.]: California Filmes, 2014. 1 filme (106 min)

REINVENTING Marvin. Direção: Anne Fontaine. Produção: Philippe Carcassonne, Jean-Louis Livi e Pierre-Alexandre Schwab. França: [s.n.]Produtoras: P.A.S. Productions; Ciné+OCS; F Comme Film; Mars Films; France 2; Drize Holding, 2017. 1 filme (114 min), color.

Radiohead. **WEIRD Fishes / Arpeggi**. Álbum: In Rainbows, 2007.

REFLEXO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reflexo/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

REFRAÇÃO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/refracao/>. Acesso em: 09 nov. 2025.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. **Pesquisa Autobiográfica em Artes: Apontamentos Iniciais**. Revista Nós, 2021.

SALLES, Cecília Almeida. Estática do Movimento. **Gesto Incabado: Processo de Criação**. São Paulo: Annablume, 1998. p. 25-86.

SANDRA, **Cinto obras e biografia**. Guia das Artes. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/sandra-cinto/obras-e-biografia>. Acesso em: 15 out. 2025.

SANDRA Cinto - **Prêmio PIPA**. Jul. 2016. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/artistas/sandra-cinto/>. Acesso em: 16 out. 2025.

VIOLA, Bill. **The Dreamers - Academy Art Museum**. Disponível em: <https://academyartmuseum.org/bill-viola-the-dreamers/>. Acesso em: 14 out. 2025.

WELCOME, **to the official BILL VIOLA website**. Disponível em: <https://www.billviola.com/>. Acesso em: 15 out. 2025.

ANEXOS

Galeria da FAV
apresenta:

Percursar

Abertura:
19/11 às 19h

Visitação:
21 de novembro a 05 de
dezembro de 2025

Galeria da FAV, Campus
Samambaia, UFG

Produção: Prof. Dr. Rubens
Ramos Ferreira e turma de
Expografia e montagem
2025.2

Ana Vitória Guimarães
Anelise Duarte
Bibi Ferreira
Bruna Torres
Érico José
Evaldo Nero Fernandes
Giovanna Dominci
Ciselle Carvalho
Gleici Sousa
Laís Barboza Ferreira
Marcelo Ramalho
Nicolas Montefusco
Raíssa Santos
Vinicius Lobato

A14

FAV FACULDADE DE ARTES VISUAIS UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS



Cartaz da exposição de Trabalho de Conclusão de Curso, *Percursar* na Galeria da FAV.

Imagem da abertura da exposição
19 de novembro de 2025



Imagens oficiais da exposição. Foto por Gleicielle de Souza.



Imagens oficiais da exposição. Foto por Gleicielle de Souza.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____,

portador(a) do RG nº _____ e CPF nº _____,

na qualidade de familiar e/ou detentor(a) dos direitos sobre as fotografias provenientes de álbuns de família, AUTORIZO o(a) estudante _____,

matrícula _____, do curso de Artes Visuais - Bacharelado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás FAV-UFG, a utilizar as referidas imagens em seu projeto artístico-acadêmico: Figuras 1 e 2. Declaro que:

1. A autorização destina-se exclusivamente a finalidades acadêmicas, pedagógicas, culturais e artísticas relacionadas ao referido projeto.
2. As imagens poderão ser apresentadas em: exposições; atividades ou eventos vinculados à instituição; portfólio artístico e acadêmico do(a) estudante; materiais impressos ou digitais produzidos pela instituição ou pelo projeto.
3. Não autorizo o uso das imagens para fins comerciais, publicitários ou quaisquer outros não mencionados neste termo.
4. A autorização é concedida gratuitamente, sem geração de vínculo contratual ou obrigação de pagamento.

Declaro estar ciente e de acordo com os termos acima.

Local: _____

Data: /12/2025

Assinatura do(a) Autorizante: _____

Todos aqueles que aparecem nessa pesquisa autorizaram que sua imagem fosse usada para ela. À esquerda, modelo do documento que usei.